Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Juliana Cavassani de Melo

Aspectos da educação e da cultura da população negra no Brasil do século XIX.

UNICAMP

Juliana Cavassani de Melo

Aspectos da educação e da cultura da população negra no Brasil do século XIX.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito para concluir o curso de Pedagogia, sob a orientação do Profº Dr.André Luiz Paulilo.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de
Campinas Biblioteca da
Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB
8/5751

Melo, Juliana Cavassani de, 1993-

M491a Aspectos da educação e da cultura da população negra no Brasil do século

XIX / Juliana Cavassani de Melo. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: André Luiz Paulilo.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de

Campinas, Faculdade de Educação.

1. História da educação. 2. Escravidão - Brasil. 3. Negros - Educação. 4. População negra - Educação. 5. Escolarização. I. Paulilo, André Luiz,1975-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Pedagogo

Data de entrega do trabalho definitivo: 20-12-2016

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata do protagonismo da população negra durante o regime escravocrata no Brasil. Apoia-se nos estudos de Sidney Chalhoub para abordar o tema. Do ponto de vista da história da educação, vale-se das análises de Marcus Vinicius Cunha e de a A. Pombo de Barros para compreender a forma como os negros se moviam na sociedade escravocrata e como usavam a sua cultura como forma de afirmação social. O protagonismo negro é evidenciado e desmistifica a visão romanceada sobre as relações dos escravos com o meio social em que estavam inseridos. A cultura negra aparece como forma de educação alternativa para a inserção social na sociedade pós-abolição.

Palavras-chave: História da Educação, Escravidão no Brasil, Educação e escolarização da população negra

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 4

CAPÍTULO 1

A Escravidão como condição social do negro e sua historia 9

CAPÍTULO 2

Educação na escravidão 18

CAPÍTULO 3

A cultura como afirmação social da população negra na passagem do Império para a República 25

CONSIDERAÇÕES FINAIS 29

REFERÊNCIAS 33

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu do desejo de compreender como a educação no período escravocrata e inicio do pós-abolição era dirigida a população negra. A questão que suscitou este trabalho foi saber de que modo se dava a educação da população submetida à escravidão em uma sociedade que não se ocupava da educação dos cidadãos livres. Propus então buscar fontes em jornais e Periódicos da época, essa busca foi realizada no arquivo Edgar Leuenroth situado na Unicamp. Durante as semanas que passei no arquivo em busca de registro nos jornais sobre a postura e conduta dos negros no período em questão pude perceber como é escasso o registro. Atentei-me aos jornais e buscava nas noticias algo que dialogasse com a pesquisa, nesse processo encontrei uma revista intitulada de “Álbum das meninas” que por fundadora possuía Anália Franco a revista entrou em circulação em 1898 encontrei alguns registros de como a mulher deveria ser educada e como deveria ser o seu comportamento adequado perante a sociedade e a família, mesmo sendo voltada para a educação das mulheres não havia nenhum direcionamento especifico para as mulheres negras. Com o passar das semanas e não encontrando registros passei a reconhecer que era um trabalho que poderia ser realizado,visto que possuímos arquivos no Brasil que possuem essa documentação, mas que para a minha pesquisa não era conveniente esse deslocamento em busca desses registros. A dificuldade com as fontes e com a bibliografia sobre tema tão discutido e difícil provocou alterações no recorte e na temática ora proposta.

Assim, quisemos estudar como a cultura e a educação dos negros foi tratada por um autor especializado na pesquisa da escravidão. Tomamos as principais publicações do historiador Sidney Chalhoub como fonte para, através da sua obra, analisar como a historiografia aborda a questão. Decidido isto, passamos a atentar para o diálogo que a obra de Chalhoub sobre a escravidão pode ter com outros estudos acerca do período escravocrata. Dentre esses autores destaco Jaime Pinsky, Célia Maria Marinho de Azevedo, Lilian Moritz Schwarcz, Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Surya A.Pombo de Barros, Marcus Vinicius Fonseca.

Portanto passei a estudar a obra de Sidney Chalhoub e tecer paralelos com estudiosos da historiografia da educação e da história.O trabalho passou então a ser de cunho bibliográfico.

Pesquisa e Formação

Ter sido aluna de Sidney Chalhoub numa classe do Profis da Unicamp fez com que eu me interessasse pelo tema e apresentasse na conclusão do curso de pedagogia um trabalho sobre a educação da população negra no período da escravidão.

Quando me deparei com o professor Sidney Chalhoub estava ingressando na vida acadêmica pelo ProFis em 2011. Ao longo do semestre as aulas de História me fizeram ter um profundo interesse pela área e amadureceram minhas concepções sobre tal campo. Meu percurso no ProFis foi curto, visto que a minha aprovação no curso de Pedagogia pelo vestibular Unicamp ocorreu em 2012.

Assim que ingressei no curso de Pedagogia me deparei com a disciplina de História da Educação que me permitiu explorar o meu gosto pela História e como a forma de pesquisa e de mapear e entender o passado se da e como já havia presenciado aulas com Sidney e sabendo como se atenta a questão do negro na sociedade brasileira do século XIX, pude unir meu interesse pela educação e pela História e me direcionar para o estudo da educação dos negros no período escravocrata.

Dado meu gosto pela área e a experiência nas aulas de Chalhoub quis me arriscar na área de História da Educação para tentar responder tais questionamentos. Para mostrar a situação dos negros em sua convivência social e na sua organização colocarei a História da educação em diálogo com a Historiografia para pensar sobre as dificuldades de compreensão da transmissão cultural entre a população negra no período escravocrata.A analise que proponho é sobre como o autor escolhido Sidney Chalhoub menciona o negro como sujeito agente dentro da sociedade escravocrata e pós abolição, a maneira como os negros perpetuavam sua

cultura,costumes,língua e a forma como conviviam nas relações sociais impositivas mas também na teia de relações pessoais.

O itinerário da pesquisa.

Com o objetivo de ilustrar a situação do negro no período escravocrata e inicio do pós-abolição selecionei as seguintes obras de Sidney Chalhoub para analisar: “Visões da liberdade uma história das ultimas décadas da escravidão na corte”,”Machado de Assis historiador”,”A força da escravidão”,”Cidade febril cortiços e epidemias na corte imperial” e autores como Florestan Fernandes “A integração do negro na sociedade de classes”, Célia Maria Marinho de Azevedo”Onda negro,medo branco.O negro no imaginário das elites:século XIX.”,Lilian Moritz Schwarcz “Retrato em branco e negro:jornais,escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX”,Rachel Soihet “Condição feminina e formas de violência:mulheres pobres e ordem urbana,1890-1920”.As obras que foram analisadas possuem em sua centralidade um diálogo com o autor principal mostrando que os negros possuíam meios de se movimentarem contra as imposições próprias da sociedade escravagista.Celia Maria Marinho de Azevedo e Lilian Moritz Schwarcz mostram o cotidiano da escravidão e suas relações ilustradas em jornais da época,através da historiografia registram o cotidiano das relações entre escravos e senhores bem como a visão que a elite possuía sobre os negros,mostra também a construção de teorias racistas e de soberania de raças através de matérias publicadas nos jornais analisados.A obra de Florestan Fernandes tece um paralelo com a historia porém é de cunho sociológico.Sabido que sejam áreas complementares,analisando os trabalhos de Florestan Fernandes percebe-se uma construção que mostra como os resquícios da abolição colocou o negro como um sujeito privado de direitos e submetido a uma sociedade racista,expõe as condições e os movimentos que os negros utilizavam para a inserção na sociedade.Marcus Vinicius Fonseca e Surya A. Pombo de Barros colaboram no embasamento do trabalho porque apresentam como a Historia da Educação analisa a educação dos negros e como a sociedade pós-abolição proporcionava ou não condições para que a educação dos negros de fato ocorresse.Rachel Soihet se volta para as mulheres e assim apresenta como a sociedade escravagista e pós-abolição

lidava com a condição de gênero e em qual lugar as mulheres se enquadravam,o papel que desempenhavam e os seus movimentos para conseguir um lugar na sociedade.Por fim o autor que estudo e que me volto com mais minúcia é Sidney Chalhoub que utiliza o estudo histórico para mostrar os negros como sujeito agente,mesmo na sutileza das relações demonstra os negros possuíam meios de manifestarem suas vontades e ideias.O trabalho do autor é vasto e analisa processos judiciais,jornais e obras de grande importância para tecer a obra sobre a escravidão e o pós-abolição expondo que o negro possuía meios de conseguir suas vontades e propagar sua cultura.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, a partir da obra de Sidney Chalhoub, me proponho a mostrar a sociedade vigente, como os negros se comportavam, suas influências e como a elite se posicionava e criava ideologias que eram absolutamente racistas e desrespeitosas.

No segundo capitulo pretendo analisar a educação da época de que forma se propagava a cultura escolar e para quem ela chegava, analiso também como os negros utilizavam sua cultura para realizar a propagação da educação. Para isso, procuro apoio na historiografia da educação. Sobretudo, a partir das reflexões de Marcus Vinicius Fonseca e de Surya A. Pombo de Barros trato do modo como a educação dos negros tem sido estudada na área da história da educação.

Por fim, o terceiro capítulo faz um recorte no tema para se ocupar do modo como a cultura foi uma forma de afirmação social da população negra na passagem da monarquia para a república.Nesse capítulo volto meu olhar especificamente para a maneira de viver e a cultura dos negros na sociedade vigente.

De acordo com o processo de estudo do tema precisei fazer recortes e adequações devida a escassez de estudos sobre a mulher negra no fim do pós abolição,juntamente com esse fato e com o tempo que podia ser dedicado ao tema do projeto me atentei as relações sociais dos negros e como sua postura ativa e sua cultura os ajudaram a se inserir na sociedade do século XIX.Para sustentar o tema busquei autores que mostram o protagonismo negro nas relações cotidianas e a maneira como,por muitaz vezes,os escravos e ex escravos conseguiam alcançar os objetivos que possuíam.

Busquei mostrar as articulações que havia dentro das relações sociais do negro com a elite e do negro com a sua comunidade.Tendo como ponto crucial a perspectiva de demonstrar o negro como sujeito agente,fugindo do olhar romanceado a respeito da escravidão e não me limitando a coloca-los como “coisa”ou “objeto”,mas sim como ser social que possuía perspectivas em relação a si próprio e ao mundo que os cercava.

Capitulo I – A escravidão como condição social do negro e sua história.

Conforme já mostrou a historiografia e os manuais escolares ensinam,a escravidão começou no Brasil quando os portugueses aqui chegaram em busca do “novo mundo”. Nesse período de exploração a mão de obra escrava se fez sobre os indígenas com o passar do tempo a dizimação da população indígena levou a utilização de escravos negros.Havia uma divisão do trabalho escravo: os escravos urbanos prestadores de serviços e os escravos rurais que trabalhavam na lavoura e nos trabalhos domésticos da fazenda.O escravo urbano atuava nos pequenos comércios, em vendas, em algumas situações se prostituía,transportavam pessoas e mercadorias e realizavam tarefas domesticas. Todo o lucro dos trabalhos deveria ser voltado aos senhores, dessa forma não havia possibilidade de geração de lucros para uma possível melhoria.Quando chegavam ao Brasil os negros, sem exceção de idade, eram levados para o Mercado onde eram comprados.Em princípio os negros ficavam nas regiões litorâneas e depois passavam para áreas do interior. A venda era feita nos portos de desembarque por meio de leilões ou negociação direta.Desde o inicio de sua chegada ao Brasil já vemos como a violência era à base das relações entre negros e brancos, pois ser vendido era o reflexo de sua identidade que era percebida como uma mercadoria apenas. Dessa forma dava-se inicio às relações entre escravos e senhores.

A análise de cunho historiográfico mostra ainda que,devido ao fato do negro ser tratado como coisa, como mercadoria a sociedade vigente buscava justificativas que firmassem esse comportamento de submissão e os negros por sua vez tentavam de algum forma reagir a esse modelo que era imposto. O negro não era submisso por vontade própria, ou seja, ele não possuía recursos que pudessem intervir em seu favor e estava inserido em um outro mundo , de outra cultura, outra religião , uma outra língua, um modelo social absolutamente diferente da do lugar de origem dessa população escravizada.Nesse contexto, a submissão era uma forma de fazer parte dessa sociedade e tentar a integração. A repressão foi a maneira utilizada para que os negros se

mantivessem em obediência e respeito, castigos físicos e o uso da violência em todos os seus aspectos era permitido e utilizado pelos senhores de escravos. A preocupação da Corte imperial era sobre os “excessos”, e, por vezes acolhia denúncias de religiosos quanto aos excessos, existiam leis e decretos sobre essa situação porém todas elas devidamente desobedecidas e ignoradas.A violência nesse caso era justificada pelo direito de propriedade que os senhores reivindicavam em relação aos seus escravos. Sendo assim os castigos, tortura e violência seguiram pelos anos da escravidão. O negro era reduzido simplesmente à condição de escravo servidor. Em muitos trabalhos historiográficos percebeu-se que muitas vezes a história se limitou a observar e estudar o negro escravo como um ser reduzido a servir, não sendo observada sua condição de sujeito agente. Essa abordagem reduzia o negro escravo ao estado de um objeto apenas. Na atual historiografia da escravidão o negro passou a ser olhado como sujeito.

Essa percepção dos negros como sujeitos é a maneira como pretendo tecer meu trabalho, olhando para os negros como agentes que tentavam, mesmo na condição subordinada, agir de acordo com suas vontades e tentar de certa forma impor-se como sujeito social. A leitura da obra de Chalhoub deixa claro que seria ingênuo acreditar que os escravos sempre atuavam de forma a demonstrar suas vontades, porém é provável que eles também não se reduziam a condição de subordinação em todos os momentos.Conforme mostra as analises que conspirei para este trabalho.

Durante o século XIX os negros eram tratados com desdém e com violência, não existia qualquer preocupação em relação ao negro ser parte da sociedade brasileira. Tratado como servidor, o negro era reduzido à condição de escravo. A explicação de sua submissão era religiosa e possuía um caráter salvífico e missionário. O negro era retirado da África e catequizado e trazido aos países católicos onde poderia se redimir da sua condição de “um ser sem alma”. Célia Maria Marinho de Azevedo em seu livro “Onda negra medo branco, o negro no imaginário das elites do século XIX” ilustra bem essa relação de justificativas dadas em relação ao lugar do negro na sociedade brasileira.A preocupação no começo do século XIX era em relação às rebeliões que ocorria no interior da sociedade escravocrata, as fugas e a violência que os

negros por vezes tomavam como forma de se tornarem livres. A cultura negra era socialmente rejeitada pelas elites sociais e políticas e pelos cristãos , visto que era tomado como bárbara e pagã. Suas crenças e manifestações religiosas eram inibidas e tratadas com horror pelos brancos cristãos. Quando os negros conseguiam fugir praticavam a sua cultura e ensinavam aos seus a cultura da qual eram provenientes.

Para explicar a escravidão e o negro como sujeito servil reduzido a uma mercadoria existiam na época, em especial no final do século XIX, pesquisas na área antropológica e social que tinham como cerne a ideia do negro como inferior , sem condições de evoluir e que dada essa condição a única saída era subordina-los a vontade da elite branca, que segundo as mesmas pesquisas era superior porque dotada de capacidades intelectuais e corporais que facilitavam a sua capacidade de dominar e de delegar. Essa explicação de inferioridade foi utilizada pela politica republicana que adotou medidas para o branqueamento da população.

A interpretação que a obra de Chalhoub autoriza fazer adverte que os negros possuíam uma forma de vida que sem dúvida era forjada de acordo com meio social em que estavam inseridos, mas cuja condição não impedia uma ação contrária a sociedade escravista. Nesse sentido, o mportante é ressaltar que o negro escravo não vivia conformado com sua sorte como mero agente passivo das condições externas.

Na república, a ideia de regeneração tomo a condição de pobreza doa população negra como de incivilidade. A ideia, como mostra Celia Maria Marinho Azevedo, vinha do Império. Segundo a autora, “a associação entre os males da escravidão e a inferioridade racial do negro é explicita”.

Dessa forma é de se entender o porquê os negros eram tratados a margem e o descaso era fato corriqueiro. O que se sobressai na sua análise é a forma como o negro se portava perante essa situação de descaso, violência. Diante de todas as formulações cientificas e religiosas a respeito do atraso que o negro causava ao país e a sua incapacidade e barbárie obtém-se uma luz a respeito de quão se torna complexo olhar para ele como um sujeito agente, visto que possuímos muitas referências tendendo para a conformação e para o

negro como um servo dócil e sem movimentação para ir contra o que lhe era imposto. Porém como já mencionado, atento-me, baseada na obra de Sidney Chalhoub, para o negro que mesmo perante toda essa maré racista e violenta se sobressai agindo. Ainda atentando para a sociedade vigente algo que estava se tornando corriqueiro era falar sobre a liberdade dos negros ,torna-los livres para atuarem nas fazendas .Toda essa construção feita por campanhas abolicionistas usavam a escravidão como algo ultrapassado e sem lugar na sociedade liberal. .A ideia era instruir os negros,ou seja,educa-los de forma que soubessem minimamente atuar no mercado de trabalho que emergia,segundo Marcus Vinicius também se tornou corriqueiro falar sobre a liberdade dos negros ,torna-los livres para atuarem nas fazendas tratava-se de:

> "Elucidar o sentido da questão educacional no contexto do processo de abolição do trabalho escravo e sua importância para a proposta de integração dos negros à sociedade como seres livres"(FONSECA,2002,p.11)

A instrução aqui era outro mecanismo de dominação e de servidão certamente que não mais utilizava-se a violência e o tratamento senhor e escravo, mas ainda se propagava a ideia de hierarquia social, onde o negro era mantido sobre os comandos de seu patrão e ex senhor.

Analisar o negro como sujeito ativo dentro da sociedade escravagista e buscar fontes que se atentem a isso é uma tarefa árdua e difícil para Sidney Chalhoub a historiografia passou a se atentar apenas a violência que permeava as relações entre escravos e senhores.Segundo o autor:

> "A constatação da violência é um ponto de partida importante,mas a crença de que essa constatação é tudo que importa saber e comprovar sobre o assunto acabou gerando seus próprios mitos e imobilismos na produção historiográfica"(CHALHOUB,1988 ,p. 36).

Sendo assim fica claro que o autor demonstra que o negro possuía meios de se mover contra as imposições que ocorriam nas relações. Analisando um fato bastante comum na época escravagista de compra e venda de escravos notar-se-á que os negros envolvidos no processo de venda direcionam para sua vontade os rumos da negociação.O trecho extraído esta no livro acima citado:

> ”...em certas situações os escravos conseguiam pelo menos em parte os seus desígnios sem recurso à violência ou à fuga”(CHALHOUB,1988,p 68).

E ainda encontra-se possibilidades de negociação e diálogos entre compradores,vendedores e cativos:

> ,”...o negocio de compra e venda de escravos ocorriam num universo de possibilidades e de práticas o num espaço de participação ou opinião do cativo em tais transações”(CHALHOUB,1988 p. 68).

Como mencionado os escravos possuíam meios de colocarem suas opiniões e vontades de acordo com a relação social que era estabelecida. Nessa situação trazida por Chalhoub explora-se a questão de compra e venda, a condição dos escravos que era dar opinião para permanecerem com os seus senhores.

Interessante perceber que o negro aqui não reduz a condição de coisa, e dialoga e mostra a opinião que possui,bem como a vontade que apresenta.Abordar o tema da escravidão e mostrar o negro como sujeito agente desmistifica todos os conceitos romanceados elaborados por importantes estudiosos da área da sociologia e da historia, retirar o negro da posição de um doce serviçal e apontar meios que expõe as ações para que sua vontade fosse aceita e respeitada o retira da condição de objeto.

As relações sociais que estavam envolvidas no contexto da escravização eram muito mais amplas e dotadas de nuances do que apenas uma servidão dócil e passiva.A condição do negro escravo não o limitava a uma postura de mansidão e de uma ausência de expor suas vontades,Chalhoub condena estudos que colocam o negro como um sujeito impotente e que precisa da condição de escravo para se manter,visto que,se ele fosse retirado do sistema servil ficaria a mingua.A escravidão era então vista como um meio de manter o negro em condição de sobrevivência a dependência gerada.

A liberdade era algo bastante critico devido ao fato de que para os senhores a dependência dos escravos os mantinham em condições de sobrevivência e a liberdade concedida poderia deixar os negros sem saber

como agir devido ao fato de serem sujeitos condicionados a subordinação.Por vezes conceder a alforria era um ato dotado de sentimentalismos e simbolismos colocando o senhor como pessoa de “bom coração”.Chalhoub nos traz um fato que aponta:

> “até que ponto os escravos assumiam ou introjetavam as representações dominantes sobre a alforria?Em que medidas faziam projetos de vida levando em consideração a ideia de que o caminho mais seguro para a liberdade era a obediência e a submissão?”(CHALHOUB,1988,p143).

A liberdade era uma finalidade concedida para aqueles escravos que possuíam uma conduta moral e servil de docilidade e respeito,porém sabe-se que as relações não eram apenas resumidas em uma obediência muda.

O movimento que a historia da educação e alguns historiadores estão fazendo é perceber o negro como sujeito ativo,a negação do negro enquanto sujeito é a apropriação tradicional da história atentar-se para as relações que permeiam o cotidiano social esta quase sempre vinculada a violência e a maneira do senhor ser bondoso para com os escravos obedientes,essa relação de paternalismo e de bondade senhorial esta ligada a ideia do negro como submisso,inferior e sem capacidade de expor sua vontade e ideais.Na obra de Chalhoub “Visões de liberdade,uma historia das ultimas décadas da escravidão na corte”nota-se que algumas vezes o negro recorria aos processo judiciais como forma de se livrar da venda para senhores que consideravam rigorosos,algumas vezes também recorriam a formas de violência pois consideravam a prisão menos densa e violenta.No caso estudado pelo autor e apontado no livro mencionado os negros pertencentes a José Moreira Veludo promovem um ataque em forma de protesto pois não queriam ser vendidos e assim acabam parando na delegacia por medo de serem vendidos a um senhor considerado “malvado”,a historia passa a mostrar que haviam mecanismos de realizar a vontade que os escravos detinham,certamente não reforço que promover a vontade através da violência seja coerente,mas vale ressaltar que mostra que havia organização e ideias que os escravos conseguiam realizar.O ataque que ocorre e que é esmiuçado no livro de Chalhoub ,denota que a compreensão dos negros acerca do funcionamento do sistema escravocrata ocorria em todas as instâncias, percebendo que nesse caso estava voltando-se

a compra e venda de escravos, algo que era bastante comum na sociedade escravagista.Perceber o negro como sujeito que realizava movimentações e sistematizavam modos de expor e conseguir proceder com sua vontade evidencia que os escravos não eram “dóceis e submissos”,mas dotados de vontade e atuação.

O que se torna perceptível é que havia uma resistência e um olhar de preconceito sobre o que o negro poderia pensar e formular a respeito dele mesmo e das relações sociais,então leva-se em consideração apenas aquilo que é registrado pelos brancos “cultos e iluminados”,a própria questão do movimento abolicionista expõe que para que algo se efetivasse os brancos deveriam estar a frente do movimento contra escravidão,

> ”a iniciativa,portanto,devia caber aos abolicionistas,aos iluminados,ou esclarecidos que sabiam exatamente o que era melhor para os cativos,e que tinham mesmo o mandato da raça negra”(CHALHOUB 1988 pg 173)

Dessa forma a maneira correta de proceder com as causas abolicionistas era manter no controle e a frente a elite que certamente saberia direcionar os escravos ao melhor.Claro que essa ideia soa bastante interessante analisando do ponto de vista do autor que coloca o negro como agente e elenca que os brancos por possuírem medo sobre os rumos da liberdade dos escravos se “armava” por todos os lados tentando manter-se no controle da situação.

A lei do ventre livre que foi efetivada em 28 de setembro de 1871,por exemplo, foi uma ação conduzida pelos abolicionistas que declaravam livres todos os filhos nascidos de ventre escravo, essa lei tinha como intento promover a transição do regime escravagista para a mão de obra livre, claro que esse processo foi lento e gradual e,mesmo com essa Lei alguns senhores detinham esses filhos de escravas e usavam o seu trabalho até os vinte e um anos de idade.A Lei dava duas possibilidades retirar da mãe o filho que nascia e entregar aos cuidados do governo ou manter o filho com a mãe e dar a ele liberdade quando completasse vinte um anos de idade,o que mais o ocorria era reter esses filhos para usa-los como trabalhadores. Percebe-se que essa lei foi executado por pressões externas, a Inglaterra colocava o Brasil em pressão

porque era industrializada e precisava de mercado consumidor, logo manter a escravidão atrasava essa relação de compra e venda, sendo assim não foi uma lei que atendia a questão escravagista como algo desumano mas, uma prestação de contas a essa coerção.

Os negros possuíam ímpeto de recorrer à justiça ou a policia quando percebiam que poderiam alcançar o que desejavam,ou sejam possuíam atitudes politicas de recorrer aos seus direitos,seja na relação com seus semhores ou na tentativa de escapar do “julgo senhorial”.Essas atitudes demonstram que a “ingenuidade” e “mansidão” não eram características de todos os escravos.

De fato a politica era olhada,pensada e efetivada pela elite branca brasileira,tanto que o movimento abolicionista mesmo tendo como cerne a escravidão e a liberdade dos negros possuía brancos pensando sobre o futuro dos negros.Sendo assim não se pode pensar na Lei do ventre livre como fato isolado de todo o contexto que emergia as pressões externas,a movimentação dos negros e as reivindicações faziam com que os senhores passassem a pensar em como inserir na sociedade esses escravos e como atender as solicitações de liberdade.O que preocupava a elite era como os negros iriam se integrar a sociedade,de que maneira se portariam,como atenderiam as demandas de trabalho.O preconceito com o negro “vagabundo”,”bêbado” com a mulher “sedutora”,”vingativa”,permeava o imaginário da elite que precisava agregar a sociedade esses sujeitos.Assim a lei do ventre livre visava dispor os negros que nasciam nesse contexto a uma educação que os colocasse de forma “coerente” a sociedade.Mesmo com toda uma resistência senhorial em deixar a liberdade efetivar-se existia um avanço em relação as conquistas dos negros.

De acordo com as obras citadas e que embasaram o meu capitulo I nota-se que os negros possuíam movimentação e organizavam-se para conseguir expor e alcançar seus ideais,podemos perceber que a sociedade branca e de elite sofria a pressão oriunda do movimento negro e por vezes atendia as reivindicações por parte dos escravos.Fica claro que o negro não foi um sujeito passivo e apático a sua condição de coisa,e mesmo sendo tratado

com violência,em todos os seus sentidos,eles visavam a almejavam seus direitos,eram conhecedores das leis e se mantinham ativos a todas as situações cotidianas presentes na sociedade escravocrata.

Para entender melhor as medidas tomadas pela elite branca na sociedade pós-abolição encaminho o segundo capitulo onde veremos a educação que era voltada a camada social menos favorecida na época.

Capitulo II-Educação na escravidão

De acordo com as análises do capitulo inicial percebemos que o negro possuía movimentação e era sujeito ativo dentro da sociedade escravagista mesmo sendo marginalizado e muitas vezes reduzidos a condição de objeto servil, os escravos possuíam organização e se colocavam em posição ativa frente as questões que os envolviam.

Os senhores de escravos possuíam meios de mantê-los sob seu comando e impunham e moldavam os negros de acordo com a sociedade vigente. Muitas representações culturais oriundas da camada escrava eram inibidas e reprimidas ,visto que fugiam do padrão social da época. Nesse quesito a educação era voltada a camada livre da sociedade e sabe-se que a Lei do Ventre Livre foi um dos pilares que colocou em evidência a importância da educação para tornar os negros sujeitos que se afirmavam no meio social. Segundo Fonseca:"a libertação do ventre e a educação eram articuladas como dimensões fundamentais na preparação dos negros para a liberdade"(Fonseca,2002,p. 44).

Nesse caso nota-se que o escravo deveria receber educação para se tornar um sujeito útil a sociedade e para se enquadrar ao meio social,mas a educação possuía um caráter de manter a ordem que era vigente na escravidão, ou seja, uma educação que os tornasse sujeitos passivos e com utilidade para o trabalho, dessa forma submetendo-se a condição de inferioridade que já era resquício do regime escravagista. A educação aqui se volta apenas como um cumprimento da Lei que designava a educação aos sujeitos livres. A educação como uma ferramenta de igualizar os sujeitos era algo utópico e se reduzia a uma educação de instrução para o trabalho e, segundo Fonseca e Surya por muitas vezes era feita pelos próprios senhores. A educação se limitava ao caráter assistencial e de instrução. Mesmo com esse caráter de submissão e de "adestramento",as relações estabelecidas nesse processo fazia com que o negro pudesse ser sujeito ativo. Como dito por Chalhoub e Fonseca os negros, apesar do regime escravagista, possuíam artifícios próprios para lidar com as imposições colocadas.

A Lei do Ventre Livre que foi promulgada em 28 de setembro de 1871 foi um marco que demonstrou que a educação se fazia necessária para a incorporação do “ingênuos” a sociedade. O Estado deveria oferecer aos negros livres uma educação que os colocasse em meio a sociedade vigente, favorecendo assim a incorporação dos nascidos de ventre livre ao meio social. Todavia, Fonseca e Surya,além de Chalhoub concordam que apenas a criação de leis sobre a educação dos “ingênuos”não era suficiente para criar uma incorporação efetiva e igualitária.Para que ocorresse a educação fornecida pelo Estado havia uma serie de medidas que precisavam ocorrer,visto que,os nascidos de ventre livre poderiam permanecer com seus senhores,ou com suas famílias e ainda podiam ingressar em abrigos e instituições.Segundo Marcus Vinicius Fonseca a educação se dava da seguinte forma:

> “devem ser educadas as crianças que, ao saírem das mãos dos senhores, passarem pelos juízes de orfãos e forem entregues a associações ou particulares; às que fossem retidas na posse dos senhores para serem exploradas até os vinte e um anos não se aplicava a instrução elementar, ou a educação; como definiram os membros do parlamento, deveriam ser somente criadas” (FONSECA, 2002, p. 54).

Dessa forma percebe-se que havia um regime de educação e diferenciava-se pela forma como era direcionada e nota-se um caráter de manutenção do poder senhorial sobre o futuro desses “ingênuos”. A criação feita pelos proprietários de escravos era realizada para que esses escravos ficassem sob a posse dos seus senhores ate os vinte e um anos de idade e não recebiam a instrução de leitura e escrita como já que ocorria na educação fornecida pelas instituições.Mesmo com a intenção de favorecer a igualdade e a educação para todos o Estado se eximia da obrigação de promover um movimento que colocasse os negros como ativos na sociedade e que desse meios de colocá-los em igualdade com os outros sujeitos sociais. Nota-se que as Leis eram elaboradas por um pressão do movimento abolicionista e pela ideologia de progresso presente no final do século XIX que colocava a escravidão como um atraso para o país.As medidas então precisavam ser tomadas para que o Brasil avançasse economicamente e socialmente.

A diferença entre brancos e negros na sociedade do século XIX é algo que não precisa ser reiterado visto que estamos falando de um regime

escravocrata. Dessa forma o tratamento com o negro nascido livre possuía marcas de preconceito e discriminação. Segundo Surya em sua pesquisa “Crianças negras na escola no final do século XIX na cidade de São Paulo”,a presença das crianças negras na escola era carregada com uma visão de superioridade dos brancos que diziam perceber a origem da criança pela roupa e pelo modo de falar e se portar.Além disso o fato de perceber o negro como um sujeito servil e sem igualdade de direitos fazia com que as relações sociais fossem permeadas com o preconceito e com a não aceitação da população negra na sociedade. Sendo assim, o acesso a escola ocorria, mas a permanência na instituição era escassa. A ideia de superioridade e da “mistura” entre os meninos bons e os “maus” era latente e marcava a postura dos educadores e dos sujeitos envolvidos na instituição escolar.O preconceito fazia parte das relações sociais que emergiam e isso era proveniente de um passado escravocrata que possuía uma visão de que a população negra “livre” era um atraso para o país,visto que a incorporação de pessoas negras na sociedade era algo evitado e percebido como um “mal a ser evitado”,porque os negros eram vistos como inferiores e detentores de praticas não aceitáveis socialmente.A anulação do negro enquanto sujeito livre e pertencente a sociedade fazia com que a população escrava e ex-escrava ficasse a margem social sem possuir,institucionalmente,mecanismos de ascensão emersão.

Diferentemente do que mostra Chyntia Greive Veiga,em Minas existia um grande número de negros matriculadas na escola de instrução elementar,fato que pode ser enfatizado pela grande quantidade da população de cor no local e pelo fato de não haver leis que mencionassem a proibição de negros na instituição.Outro fato que demonstra não haver resistência em se possuir população negra na escola é que muitas vezes o corpo de trabalho,ou seja, professores e inspetores eram de cor,o que justifica a aceitação e a permanência dos alunos pretos e mestiços.Dessa forma no caso de Minas Gerais não se pode afirmar que existia a mesma resistência para que a população negra frequentasse a escola e que nesse local especifico a educação estava atrelada ao conceito de preparar os negros para se inserirem na sociedade.Nos outros casos estudados,em São Paulo,Sul,Rio de Janeiro vemos que existia um grande preconceito e resistência pela sociedade à inserção dos negros na instituição escolar,em alguns lugares como no Rio

Grande do Sul existiam leis que proibiam a ida da população de cor à escola,como apontado por Veiga.Mas a educação de toda forma estava enraizada no conceito de aceitação e inserção social.O negro que estava na escola,ou que recebia letramento mostrava que sua condição havia mudado e que precisava afirmar-se como sujeito social nas novas roupagens do sociedade vigente.

Segundo Marcus Vinicius Fonseca(2007,p.236)

> “ a escravidão criava até mesmo impulsos contrários, fazendo com que os negros livres buscassem a escola como uma forma de afirmação da sua condição e como demonstração de um domínio dos códigos de liberdade”.

Dessa forma Marcus Vinicius Fonseca percebe que o movimento do negro escravo para se afirmar como sujeito social a escola era instituição fundamental. Assim poderia haver uma conversão social e uma aceitação da elite aos negros que precisavam se enquadrar a sociedade vigente. Marcus Vinicius Fonseca em suas pesquisas demonstra que a invisibilidade negra perante a historiografia é algo que vem mudando e passa a se atentar a movimentação e a participação dos negros na sociedade. Olhando para as escolas percebemos que havia uma parcela da população que era negra e que nega-la é algo que vem sendo superado. Fonseca dialoga com Chalhoub quando mostra que o negro não é nivelado a sua condição jurídica de “coisa”, mas se torna sujeito e ativo perante suas movimentações e interações sociais. Dessa forma, negar a existência dos negros na participação escolar é equivocado pois havia uma grande parcela negra na instituição escolar.

A educação funcionava como meio de distinção social, e, assim, a ideia de educar para preparar para o trabalho se arraigava no país durante a discussão da abolição. Enquadrar, nessas condições, o negro passava pela escolarização. Entretanto, a aceitação dos negros nas instituições sociais passava pela resistência da elite que ainda se portava com superioridade. Ocorre que inserir o negro no trabalho livre ainda era algo evitado pela elite populacional que possuía uma visão de que o negro não servia e não possuía habilidade para o trabalho que não fosse braçal.Logo a educação estava atrelada ao trabalho e ocorria como uma instrução para os trabalhos considerados “inferiores”,mesmo com essa característica o negro na escola era

resguardado,a imagem do negro “como vícioso,preguiçoso e de má índole”,fazia com que a postura da elite de mantê-los afastados dos “bons meninos” que poderiam se “contaminar” em contato com a população de cor fosse reiterada.Então a evasão escolar também ocorria pelo preconceito e pela resistência em enquadrar os negros na escola.A distinção social que ocorria pela educação mantinha o status dos sujeitos da elite e ilustrava que o negro era inferior por não estar incorporado ao mundo letrado.

É preciso entender que a sociedade brasileira estava passando por um processo de mudança que foi afirmado e reforçado com a Lei do Ventre Livre,que mostrava que os negros estavam ganhando visibilidade e meios de sair da condição de escravos.Assumir toda essa nova roupagem social e colocar os negros na sociedade como um sujeito com liberdade e igualdade de direitos foi algo que demorou e que se camuflou por muitas vezes na postura da elite que se mostrava resistente e superior a população de cor.Falar em educação para os negros nos remete a uma educação para o trabalho,que não deve ser anulada ou julgada como negativa.Segundo Fonseca em seu trabalho “Educação e escravidão:um desafio para a analise historiográfica”(2002) as relações sociais que existiam no trabalho escravo possuía um caráter de acordos e reflexões que demonstra mais uma vez o negro como sujeito ativo nas relações e com habilidades aprendidas para se posicionar no meio social,visto que como apontado por Fonseca e Chalhoub os negros que negociavam com seus senhores possuíam liberdade de trabalhar além da lavoura,ou seja,comercializando mercadorias,o que favorecia a instrução e a habilidade para os negócios.Dessa forma vemos que a educação estava ligada a própria condição do negro e que ocorria nas relações cotidianas.

A educação ligada a instituição escolar passa a ser reforçada após a Lei do Ventre Livre,que é um marco para a caminhada para a abolição.Instruir o negro era uma forma de colocá-lo na sociedade, mas como visto a sociedade se mantinha relutante em aceitar os negros livres em condição de igualdade.Logo, a evasão escolar se mantinha e os negros que viviam o preconceito iam se enquadrando em trabalhos considerados inferiores,o trabalho era mais importante do que a instrução.Segundo Surya A. Pombo de Barros:

> "O acesso à escola era o elemento de coesão e de manutenção do poder entre a camada branca da população. Isto é, a escola não era legalmente proibida aos negros, mas sua presença era vedada através de mecanismos sutis de discriminação. O acesso às letras seria um elemento de diferenciação entre brancos (que se consideravam superiores) e negros (que deveriam aceitar a superioridade daqueles)."

Dessa forma percebe-se que a educação era também um elemento de diferenciação social entre a população negra e branca.

A escola é percebida por Marcus Vinicus Fonseca como um mecanismo de conversão social onde os negros livres poderiam entrar para se inserir na sociedade. Já no caso de Surya A. Pombo de Barros temos uma ilustração de uma escola alicerçada em preconceito e evasão da população negra. Ambos os autores mostram a movimentação social do negro e não os coloca em um patamar de sujeitos passivos à realidade imposta pelo meio social.Essa movimentação social que a população negra fazia esta colocada também por Chalhoub que mostra nos seus estudos que os negros não eram "ingênuos" e reduzidos a condição de "coisa",mas possuíam ideais e posturas que se mostravam contraditórias as imposições dos senhores e as politicas de dominação.

Surya A.Pombo de Barros e Marcus Vinicius Fonseca mostram que a educação era um mecanismo de integração social do negro. Mas em alguns casos, como no estado de São Paulo e na região Sul do país, tornava-se um meio de discriminação e preconceito. No caso da instituição escolar os negros não possuíam meios de permanecerem inseridos e por isso buscavam alternativas próprias de educação. É o que demonstrada Chalhoub quando se atenta para a cultura negra como uma forma de educação do negro dentro da sociedade.

A escola percebida por Fonseca e Veiga esta inserida em locais onde a população negra esta em maior quantidade e por isso a permanência e a aceitação dos negros dentro da instituição escolar é muito maior e se propaga com maior facilidade. Barros se atenta à escola no estado de São Paulo e percebe que a discriminação esta no alicerce da instituição escolar e que o negro é visto como um "mal elemento",um sujeito com "vicíos",e que "contamina" os bons costumes da elite. Em razão dessa resistência, a

população negra não permanecia no meio escolar.A sociedade arraigada no sistema escravagista possuía relutância em aceitar os negros livres no meio social e essa postura se reiterava na instituição escolar.

Como mecanismo de autoafirmação, a população negra se educava no interior da sua própria cultura. As músicas, a capoeira a religião entre outras manifestações afirmavam o negro como sujeito agente que se movia apesar das imposições sociais.

Capitulo III-A cultura como afirmação social da população negra na passagem do Império para a República.

Com o regime escravagista caminhando para o seu fim os negros precisaram se inserir na sociedade que estava emergindo.Para isso a educação foi um mecanismo de inserção,porém,segundo Surya A.Pombo de Barros e Marcus Vinicius Fonseca, como analisado,a escola era um meio onde os negros sofriam segregação e preconceito e com isso não permaneciam na instituição.A inserção dos negros era uma preocupação que não partia necessariamente dos negros livres.Os negros se afirmavam nos meios sociais por meio da sua cultura.O enquadramento nas instituições,como a escola,por exemplo,era um ideal defendido pela elite social.

Para a elite social a abolição da escravidão era marcada por um sinônimo de “desordem” e de “vadiagem”,visto que a população negra não estava inserida nos meios sociais tradicionais e as relações eram permeadas pelo preconceito e pela mentalidade de “senhor” e “escravo”,contudo essa postura necessitava de mudanças devido a nova estrutura da sociedade.Segundo Chalhoub :

> “A transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil do século XIX colocou as classes dominantes da época diante da necessidade premente de realizar reajustes no seu universo mental,de adequar a sua visão de mundo às transformações socioeconômicas que estavam em andamento”.(CHALHOUB,1986,p.65)

Dessa forma havia uma movimentação e uma preocupação em como inserir o negro nos meios sociais.Em meio a “marginalização”encontramos os negros se auto afirmando enquanto sujeitos sociais através da propagação de sua própria cultura e de uma postura que estava em contradição com a postura da elite.O trabalho passou a ser um meio de “conversão”,ou seja,o negro “vadio” e sem “moralidade” ao ser inserido no contexto do trabalho livre poderia se tornar um “bom cidadão”,a ociosidade dos negros deveria ser combatida para manter-se a ordem e a moralidade social.Para a classe social dominante o negro deveria ocupar-se para conseguir sua dignidade e para o equilíbrio social.Chalhoub mostra o pensamento da elite a respeito do ócio e da vadiagem:

> “a ociosidade deve ser combatida não só porque negando-se ao trabalho o individuo deixa de pagar sua divida para com a sociedade,mas também porque o ocioso é um pervertido,um viciado que representa uma ameaça à moral e aos costumes”(CHALHOUB,1984,p 74).

Os “senhores” se preocupavam com a questão da ociosidade negra primeiro porque era uma ameaça aos costumes considerados bons e corretos,e também porque a população negra poderia se revoltar contra a elite dominante.

Os negros por sua vez não se atentavam a essa preocupação em se enquadrar nas instituições mas se afirmavam com sua própria cultura.A sociedade vigente tentava promover os ideais de bons costumes,trabalho e erudição,em contrapartida à latente preocupação em inserir os negros “mal vistos” nas instituições sociais.O negro através de sua cultura,era um agente social,um exemplo disso é o uso da capoeira.Segundo Soares “a capoeira era um dos principais motivos de detenção de cativos nos princípios do século XIX”(Soares,1998,p,46).Isso se dava pelo fato da capoeira ser uma afirmação cultural e uma perpetuação da cultura negra que era evitada pela classe senhorial.O jogo da capoeira,ou a luta era um meio de socialização dos negros e uma maneira de propagar as novas gerações no interior da cultura africana.Os negros capoeiras eram vistos com respeito pela comunidade negra e eram tratados como “autoridades”,que possuíam conhecimento e habilidades para realizar a socialização entre os negros.De acordo com Soares:

> “os capoeiras eram possivelmente figuras de destaque dentro da comunidade escrava da cidade não apenas pelas habilidades marciais,mas pelas qualidades de companheirismo e liderança,que já faziam parte integrante dos modos de agir daqueles praticantes.”(SOARES,1998,p,53).

Essa possível liderança e esse referencial era reprimido pela elite que entendia como uma ameaça a afirmação dos negros e a propagação de sua cultura.Mesmo não sendo inserido em posições de destaque pela elite os negros trabalhavam,se organizavam e conjuntamente conseguiam se manter nos meios sociais.Segundo Chalhoub:

> “A cultura popular na cidade do Rio de Janeiro nestes anos de formação da classe trabalhadora carioca é de que esta cultura é resultado da dialética-antagonismos e reconciliações-entre as

> normas e os valores burgueses que se desejam impor às classes populares,de fora para dentro e de cima para baixo e as normas e os valores criados pela própria classe trabalhadora na sua pratica real de vida”(CHALHOUB,1986,p.255).

Sendo assim as imposições feitas pela elite que possuía uma visão ainda senhorial sobre os negros ia perdendo forças devido ao arranjamento social feito pelos negros no interior de suas comunidades e vivências.Fica nítido que mesmo com as diferenças sociais e o preconceito os negros conseguiam se manter ativo nas relações dentro da sociedade e em alguns casos eram lideranças dentro de suas comunidades.

A cultura negra como exemplo a religiosidade e a capoeira eram coibidas após a abolição porque estava atrelada a ideia de “barbárie” e de praticas que eram vistas como “maus costumes”,como não havia a repressão senhorial a permissão da propagação da cultura negra era um “mal” a ser evitado:

> “Dessa forma,em artigos que combinavam ironia com um grande “mau gosto”, as práticas africanas eram descritas – assim como nos diz Roger Bastide com relação ao negro na literatura brasileira – ressaltando-se antes de tudo os estereótipos negativos comumente empregados em relação ao negro: a feitiçaria, a violência, a degeneração e a imoralidade”(SCHWARZ,1987,p.115).

Nota-se que a elite percebia a força que a movimentação negra possuía e por isso reprimia,mesmo que de forma ineficiente,a perpetuação cultural e os valores vindos da população negra.Outra questão que emerge nesse contexto é o conceito de “vadiagem”,em uma sociedade que não se preparou para contemplar de forma eficiente os ex-escravos o trabalho que estes faziam por vezes não era fixo,sendo assim existia uma grande rotatividade de mão de obra e em muitos casos o desemprego.Mas a elite estabelecida da época colocava o negro como um sujeito”vagabundo”,”desocupado”.O fato de os negros ficarem pelas ruas,ou nos botequins se dava pela falta de oportunidades de trabalho efetivo.Segundo Chalhoub o botequim era um espaço de socialização das classes mais pobres,e não um local de “perdição”ou de “ruptura dos bons costumes”.

Os negros buscavam formas de se manterem através de trabalhos como biscateiros.As mulheres por sua vez se atentavam aos serviços domésticos e vendas de quitutes.Percebe-se que mesmo com a repressão os negros buscavam meios de sobreviverem e ganharem o seu sustento.Dessa forma nota-se que o negro não se limitava a condição de não ser aceito em trabalhos conceituados mas,buscava alternativas para se efetivarem como trabalhadores livres.

Compreende-se então que mesmo com todas as formas de discriminação social,os negros conseguiram se manter e manifestar sua cultura,vontades e desejos mesmo que nas “entrelinhas” sociais e, que manteve uma postura ativa e de movimentação contra as posturas que lhes eram truculentas e violentas.A capoeira,a música e a religião foram algumas formas de efetivar e propagar a cultura negra em um momento de fragilização social,onde havia a transição de um sistema escravagista para uma sociedade livre.De acordo com Chalhoub “as normas e valores criados pela própria classe trabalhadora na sua pratica real de vida”(Chalhoub,1987,p.255) evidencia que o negro se configurava de acordo com o seu entendimento sobre si mesmo e sobre as relações sociais tão latentes para essa camada da população.

Considerações finais.

Esse trabalho buscou evidenciar que o negro mesmo em meio a escravidão e a uma sociedade pós abolição que excluía e negava a inserção social,possuía uma postura de sujeito agente,ou seja,que faz e que se movimenta contra as imposições realizadas pela elite.

Os autores que busquei para alicerçar o estudo possuem em comum a ideia de colocar os negros como sujeitos ativos,mostrando o protagonismo desses em meio as relações cotidianas da sociedade da época.Evidenciar que mesmo em meio a escravidão e a postura violenta da elite os escravos possuíam articulação social para conseguirem efetivar suas vontades.

Analisando as obras de Chalhoub consegui firmar a ideia do protagonismo negro.Em meio a uma sociedade racista que alicerçava a “superioridade” branca em relação aos negros,constatando através de pesquisas cientificas essa ideia e se afirmando como detentora dos bons costumes,os negros conseguiam se mover nas “margens”sociais.

O que busquei demonstrar é que o negro não estava de forma alguma sendo o “escravo servil e dócil”,ao contrario me contraponho a esse pensamento e mostro que essa visão romanceada do sistema escravagista se limita porque se estagna no conceito de escravo “coisa”,mostrando que o negro era um sujeito que se limitava a sua propria condição segundo as obras que analisei percebe-se que o negro não se limita a sua circunstância de escravo,mas se move,de acordo com as possibilidades,contra as posturas que lhe são inadequadas.

Baseada nas obras de Chalhoub evidencia-se que os negros recorriam aos processos judiciais buscando seus direitos e que não eram “ingênuos” em relação ao que poderia fazer em favor das suas necessidades.Sendo assim fica nítido que a noção de escravo “coisa”,não se sustenta ao propor que o negro não buscava seus direitos,não se movia contra as injustiças que poderiam ocorrer nas relações cotidianas.

Mostrar que o negro possuía protagonismo nas relações do dia-a-dia rompe com a visão da violência pela violência e da possível ingenuidade que os negros tinham.

Com a sociedade caminhando para o processo de abolição da escravatura emergiam outras questões latentes,na maioria dos casos,para a elite branca.Onde e como inserir os negros na sociedade livre?Qual tipo de trabalho eles poderiam exercer?Como combater os “maus costumes”provenientes da cultura negra?.

Primeiramente me atentarei a Lei do Ventre Livre que foi efetivada em 28 de setembro de 1871,que buscava tornar livres os nascidos de ventre escravo a partir desta data.Foi uma lei que se antecipava ao processo de romper com a escravidão.O movimento abolicionista pressionava a elite para que a escravidão chegasse ao fim,em meio a esses conflitos,entre ideais de liberdade e a permanência da mão de obra escrava os negros se moviam em favor da abolição buscando sua liberdade.

Com o processo de abolição efetivado os negros precisavam se enquadrar no meio social,essa preocupação era evidente na elite branca.A instituição escolar então entra como um meio de possível inserção social e de aculturamento para os negros que com a abolição se tornaram cidadãos livres.De acordo com os estudos que me embasei conclui-se que a escola não era um meio acessível e de permanência negra.Era um ambiente de preconceito e de segregação racial.A escola para os negros era uma instituição a ser evitada.Em especial na região Sul e no estado de São Paulo vemos uma resistência maior por parte da elite que não aceitava a presença dos negros na instituição escola.Já no caso de Minas Gerais vemos que o negro possuía acesso a escola sem muitas resistências e por isso permanecia na instituição,essa peculiaridade se dava pelo fato de o numero de habitantes negros ser bastante alto.

Sendo assim a sociedade que emancipava a mão de obra escrava não estava preparada para coloca-los nas relações de trabalho e na escola.Mesmo com essa resistência que olhava o negro como um sujeito a ser evitado,um ”desordeiro”sem aptidões para se inserir na nova sociedade

que emergia os ex escravos se moviam e se mostravam ativos em meio a essa moldagem social que veio com a República.Através da sua própria cultura e condição o negro conseguia se manter e se afirmar como sujeito social.

A elite se preocupava em moldar os negros de acordo com o que considerava como bons costumes e como posturas corretas e ordeiras.Essa necessidade da escolarização e de converter o negro para ser um trabalhador era uma ideia latente na elite que governava e que se atentava ao fato de manter a sociedade em ordem.Com os negros livres e “sem ocupação”a ordem poderia ser corrompida,visto que,para os dominantes isso era um fato que colocava em risco a ordem social e as relações sociais.

Mesmo sem estar efetivamente inserido nos moldes sociais da elite os negros buscavam alternativas e modos de se manter ativos na sociedade,através da sua cultura,dos trabalhos realizados como biscateiros,e da organização dentro do sua própria comunidade.No interior das relações sociais entre os negros existia cooperação,troca de experiências,propagação da cultura e solidariedade entre eles.Essa postura de manter-se ativo mesmo em meio as circunstâncias desfavoráveis alarmava a elite que tentava bloquear a propagação e a efetivação da cultura negra através da religião,musica,capoeira.

Outro conceito que ia ganhando força através desses arranjos sociais era o de “vadiagem”,”ociosidade”,no meio dos quais os negros eram rotulados como possuidores de maus costumes,bêbados,jogadores,libidinosos e vagabundos,que ficavam “andando a toa pelas ruas”.O que fica nítido é a falta de preparo que a sociedade que emancipou a mão de obra escrava possuía para coloca-los de forma efetiva e em condições de igualdade,tanto no campo do trabalho como no meio educacional.Sem condições de estar inseridos efetivamente os negros buscavam alternativas para se manterem,Outra vez me atento ao protagonismo negro na sociedade do século XIX que demonstra que mesmo nas margens os negros conseguiam se manter e se afirmar enquanto sujeito social.

Por fim concluo que o trabalho sobre como compreender o protagonismo negro é difícil e possui muitas lacunas para serem preenchidas.O que temos em grande quantidade são estudos que se limitam a ver o negro como “coisa”,como um sujeito que vive pelas circunstâncias de terceiros e não pelas suas próprias concepções e anseios.Devido a esse fato me atentei a obra de Sidney Chalhoub que evidencia o negro como um sujeito que se move que se coloca frente as realidades que lhe são impostas.Portanto pode-se afirmar que o negro se manteve em todas as nuances e transições sociais do século XIX como um sujeito agente e protagonista de sua própria historia e vontade e suas relações sociais eram permeada pela sua postura ativa e pelo seu protagonismo.

Referências

AZEVEDO,Celia Maria Marinho de 1951. **Onda negra,medo branco:o imaginário das elites do século XIX.**São Paulo Annablume.2004

BARROS,Surya Aaronovich Pombo de.Alunos negros em São Paulo no final do século XIX.Disponível em:www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo6/401. Ultimo acesso 30/10/16

BARROS ,Surya Aaronovich Pombo de**:**Negrinhos que por ahi andão:crianças negras na escola no final do século XIX na cidade de São Paulo.Disponivel:http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema6/0665.pdf.Ultimo acesso 30/10/16

CHALHOUB,Sidney.**A força da escravidão:ilegalidade e costume no Brasil oitocentista.**São Paulo.Companhia das letras.2012

CHALHOUB.Sidney**.Cidade febril:cortiços e epidemias na corte imperial.**São Paulo.Companhia das letras.1999

CHALHOUB,Sidney.**Machado de Assis,historiador**.São Paulo. Companhia das letras.2003

CHALHOUB,Sidney**.Trabalho,lar e botequim:o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da la belle époque".**Campinas.Editora da Unicamp.2001.

CHALHOUB,Sidney**.Visões de liberdade:uma história das ultimas décadas da escravidão na corte.**São Paulo.Companhia das letras.2001.

FERNANDES,Florestan**.A integração do negro na sociedade de classes.**São Paulo.USP.1964.

FONSECA,Marcus Vinicius.**A educação dos negros:uma nova face do processo de abolicao da escravidão no Brasil.**Bragança Paulista.EDUSF.2002.

FONSECA,Marcus Vinicius.Educação e escravidão:um desafio para a analise historiográfica.**Revista Brasileira de Historia da educação,número 4,jul/dez.2002**.Disponivel:http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/249. Acesso 30/10/16

FONSECA,Marcus Vinicius.Perfil dos domicílios e grupos familiares com crianças nas escolas de Minas Gerais do século XIX.**Revista Brasileira de Historia da Educação,número 23,p 13-39,maio agosto 2010.**Disponível:http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/36. acesso 30/10/16.

SCHAWARCZ,Lilia Moritz.1957**.Retrato em branco e negro:jornais,escravos e cidadãos em São Paulo do século XIX.**São Paulo.Companhia das letras.1987.

SOARES,Carlos Eugenio Libano**.A capoeira escrava no Rio de Janeiro-1808-1850".**Tese de Doutorado Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Unicamp.Campinas SP.1998.

PINSKY,Jaime.1939**.A escravidão no Brasil.**São Paulo.Contexto.2000.

VEIGA,Cynthia Greive. Crianças negras e mestiças no processo de institucionalização da instrução elementar em Minas Gerais, século XIX.

Congresso Brasileiro de Historia da educação.3., 2004, Curitiba. **Anais... Curitiba: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004.**